
Al Berto,
Horto de incêndio.
Lisboa, Assírio e Alvim, 1997.

Horto (ô) (Lat. *hortu*), s. m. Pequeno espaço de terreno, onde se cultivam plantas de jardim; pequena horta; estabelecimento de horticultura; lugar de tormentos por alusão ao horto de Getsémani, onde Cristo foi rezar na véspera da sua morte.

Incêndio (Lat. *incendiu*), s. m. Acção ou efeito de incendiar; abrasamento total ou parcial de um edifício, duma floresta, etc.; fogo que lavra com intensidade ou extensamente; (*fig.*) calamidade; conflagração; entusiasmo; ardor; arrebatamento.

Dizem que a poesia não vem no dicionário. Que o dicionário é a morte da palavra nas leis da gramática. E que a poesia é a palavra a palpar de vida contra a própria ideia de norma do dicionário. O dicionário diz: *Dicionário* (b. Lat. *dictionariu* < Lat. *dictione*, locução), s. m. Conjunto dos vocábulos duma língua [...]. Eu digo: a poesia reinventa o dicionário cada dia na língua de desejo dos poetas. E é assim que diz a vida. Mas como se diz a morte do poeta? O dicionário não sabe. O poeta não sabe («o que vejo já não se pode cantar») mas finge que sabe («desapareço»). A leitora finge que entende.

Fingir (Lat. *fingere*), v. t. Inventar, fabular, imaginar, fantasiar; dar aparência de; fazer crer o que não é, simular; imitar, arremedar; v. int. ser dissimulado (*prov. trasm.*) trabalhar e remexer de novo com as mãos a massa do pão, depois de levedada.

O poeta lírico nunca está só. Diz eu e tu ao

mesmo tempo. A leitora, violadora de poemas, e o poeta são cúmplices em «outro dia»:

— ergue as asas

fere o ar que te sufoca e não te mexas
para que eu fique a ver-te estilhaçar
aquilo que penso e já não escrevo —

O poeta sabe que a morte não se diz, que a morte se morre. Mesmo assim, o poeta diz a morte. E a leitora lê-lha na poesia que é a vida dele. Na poesia não há morte. Mas há a mortalidade, que é o desejo da vida. A vida é urgente. A leitora ouvira falar do grito. Grito lírico. Corpo sacrificado ao puro dizer de si. Grito de vida. Grito de morte. Gume que corta, tal como a «lâmina» da «linha do horizonte» «corta os cabelos dos meteoros» em «horto». Mas só em *Horto de incêndio* ouviu a leitora o grito pela primeira vez. A leitora ouvira falar do belo fingimento poético, que é mais real que a realidade cruel da existência. Mas só em *Horto de incêndio* percebeu que a distinção é realmente absurda. O poeta diz a morte na morte dos poetas, na «memória turva / dos poemas amados» — e dos amantes perdidos. Poe Melville Rimbaud Verlaine Mallarmé Artaud Coleridge Baudelaire. Fantasmas que lhe pre-dizem a própria morte no gesto mesmo — seu — de escrever o «inferno» no poema:

bateram à porta — não abriste

estavas a convocar nesse instante a brancura
dos dados por lançar e o corvo do sr. poe mais
o maléfico negrume dos mares de melville e
os passos em redor do andarilho etíope e

as mulheres da patagónia que estão sentadas
ao fim da tarde
à beira de insondáveis glaciares

seguias absorto o percurso daquele que comprava
revistas tabaco souvenirs e via os comboios
sumirem-se na gare de munique — mais a rua onde
te encontro e te perco — rapaz
a quem se esqueceram de dizer que tinha um corpo
de papel bom para amachucar com os dentes

é verdade — bateram à porta
mas não podias abrir
nesta casa só sobrevive a memória turva
dos poemas amados — mais ninguém mais nada
além da parede de lodo e da caixa de sapatos
cheia de sílabas preciosas — e uma mesa pequena
com um albatroz empalhado para te vigiar a alma

a um canto da sala o cigarro continua a arder
na ponta dos dedos do teu retrato escondido
atrás do sofá — virado para a parede
como tu
coberto de bolor de sustos e de aborrecimentos

Horto de incêndio é, em «horto», *alba* (i.e., «Antiga composição poética destinada a ser cantada à alvorada. Exprime a tristeza dos amantes que têm de se separar ao romper da madrugada»). A leitora lê *Horto de incêndio*, canto de amor e dor, ouve o «recado» de fogo do poeta — e percebe que a poesia é cultura de incêndios, purificação destrutiva, fingimento/fantasma que é também fermento. «Je brûle comme il faut», diz o poeta (Rimbaud, *Une saison en enfer*).

O poeta não é imortal («falta-me o tempo para procurar o tempo perdido»). A poesia, «cheiro espesso das coisas esquecidas», não é a imortalidade. O poeta oferece o poema como o fogo/arrebato do sentido, dos sentidos: «deus tem que ser substituído rapidamente por poemas, sílabas sibilantes, lâmpadas acesas, corpos palpáveis, vivos e limpos». A urgência da vida traduzida na língua viva do poema. E quem diz vida, diz morte:

na suave asa do grito reflecte-se o lume
comestível do tempo — a mão transformada
em polvo sacode a erva seca no sangue
da manhã

A leitora ouve o grito do poeta lírico de
dedos em chamas trespassar a cidade, e
sente-se escrever: na urgência do seu
dizer, o poema torna a morte ainda mais
insuportável.

Maria Irene Ramalho

Casimiro de Brito,
Opus affettuoso.
Porto, Limiar, 1997.

Em livro anterior (*Subitamente o silêncio*, Sintra, Tertúlia, 1991), perguntava-se o poeta lírico a certa altura:

Acaso poderei dizer Eu
Se o corpo contém a sua origem
E o todo se alimenta do mesmo ar vazio?

Agudizada até à hiper-consciência-de-si a imaginação pós-romântica e pós-nietzschiana do nosso próprio tempo, que poeta poderia, ao tentar dizer-se 'eu,' deixar de perguntar por esse dizer? Esse lírico dizer 'eu' será o dizer da subjectividade, ou será o dizer do corpo? Ou dizer aquilo afinal que o corpo descobre na sua própria dissolução? É o corpo que constitui o mundo; mas, por isso mesmo, é também no corpo que desaparece o mundo. Outro poema desse mesmo volume anterior:

Uma linha sou e desenho
Com o meu corpo.

O caminho onde pousa o pé
Desaparece comigo.

Em *Subitamente o silêncio*, exprimia-se um sentido tão oriental de depuração e despo-